

ERA DIGITAL: A INTERNET NO AMBIENTE ESCOLAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Lucília Inês Andrade Gomes¹
Bárbara Coelho Neves²

Resumo

Este artigo aborda a questão da internet e o espaço escolar. Objetiva refletir sobre a internet como ferramenta pedagógica e a sociedade da informação e comunicação de maneira crítica. A metodologia utilizada foi a descritiva, sendo um estudo realizado a partir de uma revisão bibliográfica. Os principais resultados apontam que a internet quando utilizada no campo educacional, os alunos podem descobrir acontecimentos sociais, econômicos e culturais em jornais e letras de músicas, dando início a diversas discussões. Este processo direciona os alunos a buscarem uma correlação com os fatos históricos e sociais em que estão inseridos, despertando-os ao conhecimento crítico-reflexivo, cooperando com a transformação da sociedade. Como conclusão levanta novas indagações para futuras pesquisas e destaca a relevância de ferramentas tecnológicas contextualizadas no contexto escolar como recursos pedagógicos interativos.

Palavras-chave: Internet. Tecnologias da Informação e Comunicação. Sociedade da informação e comunicação.

1 INTRODUÇÃO

A evolução das tecnologias trouxe alguns benefícios para a educação, pois facilitou o processo de ensino-aprendizagem em todos os seus níveis, desde a educação básica até o ensino superior. O uso das TIC permite que o aluno, bem como o professor, amplie seus conhecimentos numa velocidade nunca experimentada, o que causa no meio educacional um encantamento em relação aos conceitos de espaço e distância.

Conhecimentos de disciplinas específicas adquiridos em sala de aula podem facilmente ser aprofundados em um contexto interdisciplinar. Isso quer dizer que a tecnologia passa a ser uma extensão da sala de aula, no sentido de utilizar mais uma ferramenta que possa contribuir para a aprendizagem do aluno na busca por mais conhecimento, já que podem ser propostos novos modos de aprender e ensinar.

¹Doutora em Ciências da Educação na Universidad Americana, Mestre em Geografia (UFBA), Especialista em Tutoria em Educação a Distância (UCAM), Especialista em Educação Ambiental (UCAM), Membro do grupo de pesquisa Laboratório de Tecnologias Informacionais e Inclusão Sócio digital - LTI - Universidade Federal de Sergipe - UFS. Servidora Pública do Município de Salvador/BA (SMED) e Servidora Pública do Estado da Bahia (SEC). E-mail: lu.gomess@hotmail.com.

² Doutora em Educação (UFBA). Mestre em Ciência da Informação (UFBA). Coordenadora do Grupo de pesquisa CNPq Laboratório de Laboratório de Tecnologias Informacionais e Inclusão Sócio digital – LTI. Professora da Universidade Federal da Bahia – Instituto de Ciência da Informação - ICI. E-mail: babi.coelho7@hotmail.com.

A chegada das tecnologias no ambiente escolar provocou uma mudança de paradigma, oferecendo recursos que, se bem aproveitados, possibilitam desenvolver diversas modalidades de atividades com os educandos. As TIC foram introduzidas no ambiente escolar, a princípio, com o propósito da informatização das atividades administrativas. Numa etapa posterior, as mesmas tecnologias passaram a ser inseridas nas atividades de ensino-aprendizagem, como atividades adicionais, sem uma verdadeira integração com as atividades didático-metodológicas cotidianas.

Com o passar do tempo, percebeu-se que a utilização das TIC na escola poderia significar uma expansão do acesso à informação atualizada, promovendo e viabilizando o surgimento de comunidades colaborativas e de comunicação, capazes de ultrapassar limites de materiais tradicionais, estabelecendo novas relações com o saber, rompendo os muros da escola, articulando-a com outros ambientes produtores de conhecimento, podendo resultar em novos direcionamentos em seu próprio interior.

Como observado, a introdução das TIC no ambiente escolar esbarra em muitos desafios. Primeiramente porque existem aqueles que creem que apenas o uso das tecnologias é suficiente para que ocorra um melhor desempenho na área educacional. O segundo desafio, e o mais complicado, é o fato de que precisamos aprender a lidar com as novas tecnologias e esse processo não possui receita; pois, de certa forma, interfere na política de gestão escolar e nos currículos, o que desafia a escola a refletir e debater sobre o uso das TIC de modo coletivo, uma vez que sua principal meta é o de aperfeiçoar, desenvolver e fomentar a qualidade de ensino para que este aconteça de modo democrático.

Gonçalves (2011) afirma que, para a escola continuar buscando sua identidade como campo relativamente autônomo de conhecimento, é necessário que se incorpore o desenvolvimento científico e tecnológico em seu processo pedagógico-didático. Nesse contexto colaborativo e de interatividade, o professor deve exercer a função de mediador, pois, diante dos avanços em todas as áreas, apenas profissionais capacitados se ajustarão aos avanços tecnológicos e sobreviverão ao mercado atual.

Em sala de aula, o professor é o responsável por estabelecer o ambiente e preparar as oportunidades de aprendizagem que facilitem o uso da tecnologia pelo aluno para que este aprenda e se comunique. Por conseguinte, é fundamental que todos os professores estejam preparados para propiciar essas possibilidades aos alunos.

No cenário atual, compreende-se que a educação escolar precisa se pautar numa perspectiva pedagógica que contemple uma leitura crítica dos meios midiáticos, a fim de observar a maneira pela qual os seus elementos e suas representações simbólicas são apresentados à sociedade.

As TIC, por propiciarem alternativas ao processo de ensino-aprendizagem, exercem um novo posicionamento do docente. Nessa perspectiva, faz-se indispensável e imediata a ação de docentes que sejam capazes de praticar a inserção das TIC na escola de modo adequado.

Um dos maiores problemas, além da falta de equipamentos nas escolas, é a falta de preparo por parte dos professores que, na maioria das vezes, não sabem utilizar os recursos ofertados. Outro aspecto importante é a desatualização dos profissionais. Pois, com o desenvolvimento tecnológico, a produção do conhecimento e a sua divulgação são feitos em uma velocidade tão rápida que às vezes a escola ou o professor não conseguem acompanhar o avanço tecnológico.

Percebe-se, assim, que há uma divergência muito grande entre os recursos tecnológicos usados no dia a dia por professores, alunos e demais membros da comunidade escolar e os usados nas salas de aula. Enquanto em casa, ou mesmo na escola, o aluno convive com vários aparelhos eletrônicos que facilitam sua vida e fornecem informações em tempo real, na escola ele tem que se adequar a métodos e instrumentos arcaicos para aprender, como livros, cópias do quadro e aulas monótonas, meramente explicativas e que não despertam o interesse pelo conhecimento.

É imprescindível que o docente seja orientador e especialmente mediador da aprendizagem, utilizando como ferramenta de ensino as novas tecnologias, pois um dos

seus papéis é o de elaborar novas formas de ensinar. Assim, a aprendizagem, permeada pelo computador/internet, produz enormes transformações no desenvolvimento de novos conhecimentos. Se antes os únicos meios de obter conhecimento eram os livros didáticos, as salas de aula e o professor, hoje o aluno navega pelos mais diversos espaços de informação.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo a partir de uma revisão bibliográfica, realizada no período de fevereiro a março de 2017, no qual foi realizado um levantamento bibliográfico e utilizado alguns dos mecanismos de buscas de trabalhos científicos mais utilizados no ambiente acadêmico: Google Acadêmico, Scielo, Dedalus, Educ@ e Portal de Periódicos CAPES. Os descritores utilizados foram: Interatividade, Educação Contemporânea, Tecnologias da Informação e Comunicação. Esses descritores foram usados com o objetivo de contextualizar o conceito de interatividade como alternativa de aplicação nos processos educacionais.

3 INTERNET NO AMBIENTE ESCOLAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

A utilização da internet no ambiente de sala de aula dar-se-á, primeiramente, pela sua conceituação e em seguida pela diferenciação entre o que é Informação e o que é Conhecimento, conceitos estes presentes na rede mundial de computadores. Caracteriza-se, todo conteúdo exposto na internet como Informação e sua resultante sistematização e comprovação científica se configura como Conhecimento.

Nesse sentido, Barato (2002), afirma que informação pode ser definida como “forma de comunicação do conhecimento” ou “forma de mediação dos conhecimentos socialmente compartilhados” (BARATO, 2002, p. 70-71). A informação é, por conseguinte, uma representação externa do saber, produzida através de sons, imagens, gestos, e etc. dos quais conferimos significância. O conhecimento, do contrário, é a representação interna (subjéctiva) do saber construído pelos seres humanos.

Mendes (2008) faz uma advertência em relação à inconstância das informações vigentes na internet. “É muito importante ressaltar que informação rápida não é conhecimento. [...] O saber é um processo contínuo que exige muita dedicação. [...] O problema é que internet ainda é, basicamente, usada para buscar informações superficiais.” (MENDES, 2008, p. 4).

De acordo com Coll e Monereo (2010) é importante que os docentes se preocupem com o livre acesso às informações expostas na internet, pois

A abundância de informação e a facilidade de acesso a ela não garante, contudo, que os indivíduos estejam melhor informados. A ausência de critérios para selecioná-la e confirmar sua veracidade, a abundância de informação, que responde, além disso, aos interesses e finalidades daqueles que detêm o poder, os meios e a capacidade para fazê-la circular, transformam-se facilmente, para muitos cidadãos e cidadãs, em excesso, caos e ruído. A grande quantidade de informação e a facilidade para transmiti-la e acessá-la é, sem dúvida nenhuma, um avanço com enormes potencialidades para permitir o desenvolvimento individual e social e para melhorar a vida

das pessoas, mas por si só não garante nada. O risco de manipulação, de excesso de informação, de intoxicação provocada por esse excesso – de “intoxicação” – e, sobretudo, o desafio de conseguir passar da informação para o conhecimento, são aspectos estreitamente relacionados com a preeminência da informação na sociedade da informação. (COLL; MONEREO, 2010, p. 22).

Concordamos com o pensamento de Cysneiros (1999) quando este afirma que é preciso ter prudência com o livre acesso, seja qual for a informação exposta na internet priorizando, acima de tudo, o ato da reflexão, e da análise acerca de tais informações, pois ao examinar criticamente estas informações, docentes e discentes estarão favorecendo a prática educativa.

A dicotomia entre informação e conhecimento é esclarecida por Kenski (2003) quando este relata que,

Interagir com as informações e com as pessoas para aprender é fundamental. Dados encontrados livremente na internet transformam-se em informações pela ótica, pelo interesse e pela necessidade com que o usuário os acessa e os considera. Para a transformação das informações em conhecimento é preciso um trabalho processual de interação, reflexão, discussão, crítica e ponderações que é mais facilmente conduzido quando partilhado com outras pessoas. As trocas entre colegas, os múltiplos posicionamentos diante das informações disponíveis, os debates e as análises críticas auxiliam a compreensão e a elaboração cognitiva do indivíduo e do grupo. As múltiplas interações e trocas entre parceiros do ato de aprender possibilitam que esses conhecimentos sejam permanentemente reconstruídos e reelaborados (KENSKI, 2003, p.123).

O conhecimento constituído como uma rede de conexões é o eixo dos questionamentos do uso da internet como instrumento que pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e que caminha lado a lado com as diversas áreas dos saberes.

Na atualidade, a prática educacional precisa possuir os requisitos necessários para formar o sujeito na sua totalidade, agregando conhecimento técnico formal juntamente com o conhecimento crítico, ambos buscando a harmonia entre dever, direito e cidadania, na direção da resolução dos problemas sociais.

Sobre os requisitos para a formação dos sujeitos, Coll e Monereo (2010) esclarece que,

Em um mundo em que as distâncias são cada vez mais reduzidas, as fronteiras desaparecem e os grandes problemas são compartilhados, cresce a mobilidade das pessoas, aumenta a heterogeneidade das comunidades e torna-se patente a necessidade de trabalhar conjuntamente para resolver problemas comuns. As TIC em geral, suas aplicações e usos educacionais em particular, refletem essas inquietações. (COLL; MONEREO, 2010, p. 26).

Coll e Monereo (2010) contextualizam o caráter emancipatório da educação mediante aos avanços tecnológicos.

As TIC em geral, e a internet em particular, proporcionam uma excelente oportunidade para se saltar em direção a uma educação

de mais qualidade, baseada em princípios de solidariedade e igualdade. Contudo, se esse salto não for bem dimensionado, se não partirmos das diferentes realidades sociais e educacionais, com suas conquistas e suas carências, podemos acabar dando um salto no vazio e o avanço educacional esperado pode acabar não passando de mais uma operação econômica e comercial. Será preciso fazer um esforço importante para, como já preconizava Edgar Morin em 1981, clarificar o que queremos, e é imprescindível conservar a educação que temos ponderar o que realmente precisamos criar ou inventar para que a educação chegue a ser efetivamente universal e libertadora e também para decidir o que podemos, e talvez devêssem abandonar (COLL; MONEREO, 2010, p. 43).

A internet é um instrumento de difusão da informação e comunicação mundial, do mesmo modo que é um intermédio para a colaboração e interação entre pessoas e computadores, qualquer que seja sua posição geográfica no planeta. Como um dos imprescindíveis instrumentos da Tecnologia e de Informação, a internet revolucionou a forma como tratamos as informações.

A internet é constituída por milhares de computadores conectados em redes por diversos países dos seis continentes com o objetivo de compartilharem informações. Esta passou por diversas e intensas transformações ao longo do tempo, e também suscitou facilidades ao mundo corporativo, pois através da internet as corporações tiveram condições de diminuir gastos, com diversos softwares e/ou com a telefonia, por exemplo.

Nesse sentido, a internet proporciona às pessoas uma imensidão de possibilidades. De clique em clique, a internet vai concentrando imagens, textos e endereços que se repetem de maneira constante, conduzindo a um universo diferente, um universo onde predominam a interação e a comunicação, mediante uma enorme quantidade de informações disponibilizadas em diversos modelos de mídias.

No Brasil, tal como no mundo, a trajetória da Internet abrange muitos aspectos, tanto tecnológicos quanto organizacionais; conseqüentemente, muito complexas. A internet tem atuação não só nas áreas técnicas das comunicações via computadores, como também em toda a comunidade global, ao passo em que utilizamos cada vez mais esse meio informacional.

Por intermédio da internet quando utilizadas no campo educacional, os alunos podem descobrir acontecimentos sociais, econômicos e culturais em jornais e letras de músicas, dando início a diversas discussões. Este processo direciona os alunos a buscarem uma correlação com os fatos históricos e sociais em que estão inseridos, despertando-os ao conhecimento crítico-reflexivo, cooperando com a transformação da sociedade. Neste sentido, Cruz (1994) defende que:

A mobilização do aluno para o conhecimento é um dos aspectos cruciais do processo de construção do conhecimento. Um dos princípios a serem postos em prática para encaminhar esse despertar para o prazer é a problematização. Provocar o desafio, à vontade de superar o desconhecido. Essa busca nos realiza enquanto sujeitos, pois não deixa que nos acomodemos na dúvida, na incerteza ou na ignorância. Essa mobilização para o conhecimento através da problematização será tanto mais eficiente e eficaz quanto mais tiver relação com a realidade sóciohistórica em que a criança viver e ela perceber que sua superação a ajuda na compreensão da realidade. (CRUZ, 1994, p. 98).

O mundo está em constante transformação, o que reflete por sua vez na ação educativa. Influências múltiplas vêm ocorrendo mediante o novo paradigma das TIC, onde estas têm criado novos conhecimentos o, que vem exigido cada vez mais por parte do professor uma mudança de postura no que tange suas ações, já que o trabalho docente necessita tanto do domínio do conteúdo quanto da preocupação em trabalhar com o educando valores sociais.

Com o progresso da tecnologia, o ensino em suas diversas áreas, vem passando por mudanças estruturais em seus currículos, definidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, com o objetivo de incluir novos componentes com temas transversais, a partir das orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propostos pelo Ministério da Educação (MEC). Os PCNs trazem a questão da tecnologia voltada para o ensino, abordando que,

A incorporação das novas tecnologias só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. A presença de aparato tecnológico na sala de aula não garante mudanças na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores (BRASIL, 1999, p. 27).

De acordo com os PCNs, os temas transversais devem ser trabalhados por todas as áreas do conhecimento colaborando assim, para fomentar valores fundamentais para a formação das pessoas. No processo de ensino-aprendizagem, o trabalho docente pode ser mais simples, na medida em que a participação das tecnologias no ambiente escolar como ferramenta pedagógica seja utilizada para que as aulas sejam mais dinâmicas, motive os alunos, desperte curiosidades e envolva-o em uma atmosfera de aprendizagem. Todavia, a influência que tais tecnologias têm no comportamento social dos alunos, não deixa de se configurar numa preocupação do professor.

Sobre este ponto de vista, Castrogiovanni (1998) destaca que:

Com as tecnologias modernas, os meios de comunicação passam a orientar, a conduzir o comportamento social. Eles ultrapassam as fronteiras políticas e culturais. Rompem com as barreiras linguísticas, com os regimes políticos e religiosos, com as desigualdades e diversidades socioeconômicas. (CASTROGIOVANNI, 1998, p. 83).

Com a emergência das TIC houve uma revolução na relação entre a comunicação e a informação. Outrora a principal questão era como ter acesso às informações, atualmente elas estão por toda parte, sendo transmitidas pelos diversos meios de comunicação, assim, a informação e o conhecimento não estão mais somente no âmbito da escola, não obstante houve a democratização destes.

De acordo com Almeida (2005), frente a esse contexto atual, o novo desafio que se descortina na área da educação, é a resolução dos seguintes questionamentos: como orientar o aluno? O que fazer com essa informação? De que forma o aluno pode internalizar o conhecimento? E, principalmente, como fazer para que ele saiba aplicar esse conhecimento de forma independente e responsável? Conforme Almeida, (2005), responder a estas indagações é o desafio para a educação atual.

Diante do exposto se pode concluir que, para encontrar as respostas a essas indagações é preciso compreender as diferentes maneiras de representação e comunicação oportunizadas pelas tecnologias no ambiente escolar, bem como formular dinâmicas que possibilitem manter o diálogo entre as diversas de linguagem das novas tecnologias e possibilidades de novas formas de aprender como será visto mais adiante.

4 SOCIEDADE DO CONHECIMENTO (SC) E SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (SI) NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Apesar de estarmos contidos neste novo mundo que muitos autores chamam de “Aldeia Global”, e a apenas um clique das informações mundiais contidas na Internet, isso não quer dizer que todos apresentem a mesma viabilidade de acesso à informação. A escola não é mais o espaço privilegiado onde o acesso à informação, instrumentos, técnicas e experiências exclusivas eram imagináveis. O espaço escolar apresenta-se como um ambiente conservador e que não compartilha da espetacular evolução da tecnologia.

Na medida em que a escola como espaço físico se manteve para trás, não acompanhando a evolução verificada no campo tecnológico e transformações sociais, nos deparamos, com uma nova realidade, ou seja, com um mundo mergulhado na evolução tecnológica e que recentemente e a passos lentos, a escola teve acesso muito limitado.

A escola muitas vezes não consegue se desgarrar de uma lógica tradicional em suas ações. É preciso compreender que a escola não pode prosseguir retrograda em relação às importantes transformações da sociedade que realiza feitos em velocidades cada vez maiores, incorrendo o perigo de se converter em uma instituição totalmente atrasada por não conseguir acompanhar os numerosos desafios e atribuições que a escola possui na atualidade e que é caracterizada pela arraigada transformação tecnológica exercida pelo veloz e constante desenvolvimento e propagação de TIC, principalmente as Mídias Sociais *On-line*.

As tecnologias de informação e comunicação têm o potencial de transformar a forma de pensar e de agir da sociedade. Esse fenômeno é constatado quando observado as novas formas de estudar, de se relacionar e a forma de preencher o tempo disponível para o lazer. Esta potencialidade que as TIC possuem exerce influência, por conseguinte na escola, no seu modo de ação e de manter relações com a sociedade.

Os estudantes atuais ao disporem de acesso a diversas fontes de informação e comunicação, sejam na escola e/ou em casa, detêm conhecimentos e habilidades diferentes de pessoas da geração anterior. Estes estudantes por possuírem uma vivência cultural distinta, coabitam concomitantemente com novos princípios/normas e padrões sociais.

Em razão disto, a escola não deve estar desconectada desta nova realidade, pelo contrário, precisará admitir o espaço que ocupa as Tecnologias da Informação e Comunicação no cotidiano da sociedade vigente e a capacidade de gerar conhecimentos educativos destas novas tecnologias.

À vista disso, Ponte (1993) compreende que “[...] a preparação das novas gerações para a plena inserção na sociedade moderna não pode ser feita usando os quadros culturais e os instrumentos tecnológicos do passado” (PONTE, 1993, p. 56). Compreende-se que as gerações Tradicionais (nascidos até 1950), *Baby-boomers* (nascidos entre 1950 e 1951), X (nascidos entre 1962 e 1977), Y (nascidos entre 1978 e 1990), Z (nascidos entre 1991 e 1999) ou *millenium* (nascidos a partir de 2001), coexistem no ambiente escolar, sendo uma demanda entre estas o aprendizado e a apropriação das TIC nesse contexto. Espera-se, ou seja, é desejável, que cooperem entre si por meio do uso das tecnologias frente ao processo pedagógico.

O ingresso das TIC no sistema educacional não deve se ater à simples substituição de elementos tradicionais como manuais escolares e quadro negro, mas sim no modo como é “transmitida” a informação e “trabalhado” o conhecimento, no modo como se obtém o conhecimento e na interação entre os sujeitos no ambiente da sala de aula (docente-discente).

Diferentes olhares referentes à integração das TIC na educação têm despontado nos últimos anos. Por muito tempo tais tecnologias eram compreendidas como instrumentos que substituiriam elementos materiais e humanos, inclusive o docente.

Segundo Cuban (1986) no começo do século XX os docentes demonstravam nervosismo e medo diante da invasão das novas tecnologias e supunham que a rádio e o cinema iriam sobrepor os docentes. Essas ideias eram apoiadas por estudos de diversos

autores que anunciavam a superior capacidade de obter resultados através do uso das TIC como auxílio no processo de ensino-aprendizagem quando confrontado com os métodos tradicionais de ensino.

As Tecnologias de Informação e Comunicação adentraram o espaço escolar por causa das pressões políticas, econômicas e principalmente da sociedade que objetivava o acompanhamento da escola juntamente à evolução tecnológica. A incorporação destas tecnologias, notadamente do computador e da Internet, é cercada por uma visão “romântica”, isto é, de exacerbada expectativa como: máximo rendimento na aprendizagem; tornar o ensino e aprendizagem mais atraente e efetiva; e a prática docente menos repetitiva.

É fato que não é e nem será pela simples incorporação de novas ferramentas que a escola será transformada como afirmam alguns pesquisadores: Langouët (1982, 1985), Ponte (1993), Jaquinot (1977); citados em Langouët (2000). Estudos desses pesquisadores colocaram contra a parede o pensamento de que as inserções de TIC eram bastante para a inovação e renovação das práticas pedagógicas.

Compreende-se a importância de mudar a cultura pedagógica dos docentes, e de suas atitudes que acabam por ditar por muitas vezes o sucesso ou fracasso da integração das TIC, porém, não é bastante mudar somente o docente é preciso também transformar o cenário em que ele está inserido. Portanto, a transformação não está somente no docente e não depende somente dele, mas entende-se que este “é a chave última da mudança educativa e do aperfeiçoamento da escola” (HARGREAVES, 1998, p. 9).

A sociedade atual pautada na tecnologia é caracterizada pela Sociedade da Informação (SI) alavancada pela revolução tecnológica das TIC. A partir da implementação dos programas de mundiais para inserção na Sociedade da Informação surgiram responsabilidades com o intuito de garantir a igualdade de acesso aos presentes meios de informação e transferência de saberes para a população de modo a erguer a democracia, enfrentar a info-exclusão e as diferenças sociais, culturais e econômicas, de modo a tornar o país mais competitivo.

De acordo com Silva (2001) organismos internacionais como a UNESCO e a Comissão Europeia expressaram preocupações quanto à relevância ao advento da SI. Em 1993 a Comissão Europeia admitia a grande relevância para a Europa da instalação da SI no Livro Branco “Crescimento, competitividade e emprego – Os desafios e as pistas para entrar no século XXI”. Após três anos, a Comissão Europeia, por meio do Livro Verde “Viver e trabalhar na Sociedade da Informação: prioridades à dimensão humana” que objetivava examinar a fundo os aspectos políticos, sociais e civis mais relevantes da Sociedade da Informação (SILVA, 2001, p. 134).

É inegável que a sociedade da informação ocasionou à expansão do conhecimento. Na Europa para que a Sociedade da Informação fosse instaurada e consolidada, como também pudesse abranger áreas diversas e não somente a área econômica (crescimento, competitividade e emprego), em 1999 a União Europeia anunciou a iniciativa “*e Europe – Sociedade da Informação para todos*” objetivando colocar em prática tecnologias digitais em toda a Europa, proporcionando a toda população europeia capacidade, habilidade e desenvoltura para utilizá-las.

O Brasil ingressou na sociedade da informação por meio do Programa Socinfo, lançado em 1999, por meio do decreto 3.294 de 15 de dezembro de 1999, em Brasília. (NEVES, 2010). O Programa teve suas diretrizes concretizadas no Livro Verde da Sociedade da Informação e a finalidade de “[...] alcançar os alicerces de um projeto estratégico, de amplitude nacional, para integrar e coordenar o desenvolvimento e a utilização de serviços avançados de computação, comunicação e informação e de suas aplicações na sociedade” (BRASIL, 1999, p.5).

O sistema educacional tem por obrigação contribuir para o desenvolvimento da Sociedade da Informação e por este motivo, tem sido objeto de interesse de instituições internacionais, como por exemplo, a UNESCO e a Comissão Europeia. No relatório da Comissão Internacional sobre Educação produzida em 1996 e intitulada “Educação, um tesouro a descobrir” da UNESCO é evidenciado as potencialidades do uso das TIC:

aumento na propagação do conhecimento, expansão igualitária de oportunidades, desenvolvimento dos alunos segundo o seu ritmo, maior interação e sistematização das aprendizagens pelos docentes salas de aula heterogêneas e enfrentamento ao fracasso escolar.

Neste relatório as Tecnologias de Informação e Comunicação são compreendidas como uma valiosa contribuição, apoiando os sistemas educativos e o desenvolvimento de uma Sociedade da Informação que proporcione a diminuição das diferenças entre os países ditos desenvolvidos e os em desenvolvimento.

O processo de desenvolvimento de uma Sociedade do Conhecimento e da Informação possui formas variadas e envolve todas as diferentes áreas (cultural, econômica, social, educativa, etc.) e é tido como uma grande chance para proporcionar uma expansão qualitativa cultural, educacional e formativa da sociedade por meio da utilização das redes eletrônicas com propósitos pedagógicos, a fundação de bibliotecas digitais, a produção de novos modos de divulgação do patrimônio cultural, o melhoramento da estrutura/organização/equipamento das escolas e a transformação pedagógica para a era digital.

A sociedade da informação possibilitou alguns avanços, como por exemplo, alterando os sistemas/modelos de comunicação e influenciando no lazer. As tecnologias/processamento de dados vivem atualmente uma intensa reviravolta.

No entanto, houve também alguns retrocessos. A grande e rápida fluidez da informação notadamente com o desenvolvimento tecnológico ainda não suscitou a equidade nos espaços digitais, pois muitas pessoas pelo mundo ainda não possuem condições (fator econômico) e estão excluídos de toda essa vastidão de informações/dados.

A SI atualmente é um acontecimento mundial que não tem retorno. Transformou-se numa questão de sobrevivência de todos os países visto que a competência para se desenvolver é quem estabelece o progresso dos países e os confrontos são muito mais no campo econômico e informacional do que militar.

O acesso à Sociedade da Informação é mais rápido e eficaz com os jovens, mas para que o jovem seja incluído neste processo devem ser criadas condições para que estes tenham acesso às ferramentas e às tecnologias e é nesta direção que os últimos governos têm elaborado propostas para o desenvolvimento da Sociedade da Informação.

A SI já alcançou às escolas, necessita a partir de então alcançar níveis de aceitação e utilização das potencialidades ofertadas. Na década de 1980 a Sociedade da Informação foi alvo de interesse por parte de alguns estudiosos sobre o tema.

Para Teodoro e Freitas (1992), citando Stonier e Conlin (1985),

A educação para a sociedade da Informação centrar-se-á nos três eixos: crianças, comunicação e computadores. O seu objetivo será dar origem a uma força de trabalho criativa adaptável, com iniciativa, interdisciplinar para ajudar a resolver os problemas deste planeta (TEODORO; FREITAS, 1992, p. 27).

Nos dias vigentes em que as sociedades ocidentais estão mergulhadas na Sociedade da Informação, o que vem ocorrendo com a cultura escolar referente à midiática desta? Será que a cultura escolar e a cultura midiática são concorrentes? Será que existem aspectos convergentes e/ou complementares? Langouët (2000) levantou várias questões relevantes sobre este tema assinalando características existentes entre a cultura escolar e os meios midiáticos.

Langouët (2000) afirma que a escola como intermediadora da informação e do conhecimento tem dado preferência ao passado de modo a ser transmitido às novas gerações. Nesse sentido, a escola é vista como uma instituição tradicional que não tem acompanhado a revolução tecnológica da sociedade. Já o setor midiático é caracterizado como o espaço onde as informações são produzidas e transmitidas pela rádio, imprensa, televisão ou Internet possuindo características diferenciadas da instituição escolar.

Ao passo em que a sociedade de consumo é representada por possuir uma característica transitória em que existe um uso instantâneo e acelerado das ferramentas tecnológicas e da informação e que é esquecido velozmente o que foi visto ou escutado. A escola por sua vez, reconhece o ato da compreensão como valor, apodera-se vagarosamente das tecnologias e da informação e precisa de tempo (um período) para exercer o ato de refletir, de pesquisar para depois compreender os fenômenos.

A escola e as Mídias Sociais *On-line* convivem no mesmo espaço e tempo só que de modos diferentes. O tempo escolar é um tempo obrigatório, imposto. Já o “tempo midiático” é um tempo decidido espontaneamente pelos indivíduos ao passo que o tempo escolar não. A cultura midiática compete com a cultura escolar, visto que esta não é mais a única e mais importante fonte de propagação do conhecimento. Entretanto estes dois tipos de culturas contribuem para o desenvolvimento do conhecimento e acabam por complementar um ao outro.

Porcher (2000) investiga há tempos algumas questões expostas acima e compreende que a escola e as mídias expõem as suas dissemelhanças e acabam por ocultar as suas similaridades. Entende que as mídias têm exercido uma enorme e intensa atração em praticamente toda a sociedade, o que não tem ocorrido com a instituição escolar. A produção midiática não tem sido empregada pela escola de modo a transformá-la em algo mais atraente e tornando-a mais interessante. Para o autor, outra diferença que ocorre entre as mídias e a escola é que na realidade esta última é caracterizada pela morosidade e fundamenta-se na repetição. As Mídias Sociais *On-line* por sua vez caracterizam-se pela fluidez e por estar em todos os lugares ao mesmo tempo e a todo tempo.

Porcher (2000) considera o pensamento da falta de ação relacionada às Mídias Sociais *On-line* uma questão que não é verdadeira visto que as pessoas que ouvem (rádio) ou que assistem (televisão) e que acessam (internet) lhe são facultadas a escolha segundo o que lhe é interessante. A ideia da falta de ação como da atividade são parecidas, tanto para as mídias quanto para a escola. Este mesmo autor sugere que a escola e as Mídias Sociais *On-line* devem unir forças para que possam vir a contribuir para uma efetiva associação entre a frequência obrigatória da ida a escola e a preferência voluntária das Mídias Sociais *On-line* para que não exista uma ausência de interesse total dos alunos pela escola.

No decorrer do tempo a quantidade e o ritmo de divulgação da informação têm aumentado de modo ininterrupto e nos últimos tempos de maneira exponencial. Se pensarmos como era a milhões de anos atrás em que os saberes eram represados pelos mais velhos que atuavam como guardiães do conhecimento acumulado. O volume de saberes acumulado nos últimos séculos teve um crescimento substancial, especialmente depois da revolução industrial.

Para Bartolomé (2002), o conhecimento é triplicado ano após ano em áreas como engenharia e informática. Esta circunstância tem enormes implicações no espaço escolar por dois motivos: a indispensabilidade de atualização continuada do docente e de métodos atuais de organizar e apreender à informação. O autor reforça que os estudantes devem ser instruídos para saber pesquisar informações, selecioná-las, associá-las e introduzi-las nos seus conhecimentos como também terem a capacidade de conseguir compreendê-las interpretando suas diversas linguagens.

Um dos propósitos primordiais da escola é oportunizar a todos os alunos a adquirir competências básicas. Na atual sociedade da informação isso expressa ter a capacidade para leitura, para a escrita e para calcular (competências básicas), contudo também possuir habilidades para o uso das Mídias Sociais *On-line*. Este tipo de habilidade na utilização desse tipo de mídia abrange não somente as mais “antigas” como a televisão, mas também as novas mídias (Mídias Sociais *On-line*).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual momento histórico em que vivemos, não se trata mais de nos questionarmos se necessitamos ou não inserir as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no processo educativo. Na década de 90, professores aflitos com essa questão consideraram que não havia como evitar que a informática adentrasse à escola, já que esta havia conquistado toda a sociedade.

O mundo do trabalho impõe constantes transformações para os trabalhadores, alcançando também a atividade docente, fator que atribui inúmeros desafios ao processo de ensino-aprendizagem. A partir desse cenário, docentes de diversas áreas do conhecimento reagem de maneira mais radical, reconhecendo que, se a educação e a escola não abrirem espaço para essas novas linguagens, elas poderão ter seus espaços definitivamente comprometidos.

Compreendemos, todavia, que os meios, por si só, não são capazes de contribuir para a área educacional e que eles são muito proveitosos se utilizados como um componente a mais no processo educativo; mas não sem o discernimento de um professor com a formação adequada para mediar. Mesmo aqueles que são a favor da tecnologia e que exaltam somente seus benefícios afirmam que a tecnologia voltada à educação deve adaptar-se às diversas realidades escolares.

Apesar de ser realidade que as novas tecnologias não irão solucionar os problemas do âmbito educacional, pois são de diversas origens, tais como: cultural, política, econômica, ideológica e social, não devemos permitir permanecer sem nenhum tipo de ação diante do surgimento das novidades tecnológicas no cenário educativo. Nesse contexto, é imprescindível que haja uma contínua pesquisa sobre o que as novas tecnologias podem proporcionar como benefício ao processo educacional, para que assim tenhamos capacidade de compor um olhar crítico fundamentado sobre a sua utilização.

Desse modo, é imprescindível e fundamental questionarmos o paradigma tradicional de ensino vigente e ainda hegemônico que permeia nosso sistema educacional. Põe-se em evidência, desse modo, a transição do ensino tradicional para o ensino e aprendizado *on-line*, em que este torna claro os novos paradigmas e a importância deste momento de transição para novas ações pedagógicas. Assim, é fundamental aproveitar este momento para agregar novos referenciais teóricos à produção de materiais didáticos e/ou à prática pedagógica, até porque as novas tecnologias podem propiciar o pensar em novas concepções de ensino-aprendizagem.

Ainda que haja concordância que a utilização das TIC nas ações educativas não vai substituir o docente, admite-se que o trabalho deste pode ter como suporte tais meios. Nesse cenário, vários estudiosos sobre o tema debatem sobre qual a melhor maneira para que o docente possa se apropriar de conhecimentos necessários para a utilização das novas TIC e adequar-se à nova realidade no âmbito educacional fundamentado em uma concepção construtivista de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. J. **Educação e informática**: os computadores na escola. São Paulo: Cortez, 2005.

BARATO, Jarbas Novelino. **Escritos sobre tecnologia educacional e educação profissional**. São Paulo: SENAC, 2002.

BARTOLOMÉ, A. R. **Las tecnologías de la información y de la comunicación en la escuela**. Barcelona: Grao, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - PCN**. Brasília, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos *et al.* (Org.). **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Associação dos Geógrafos Brasileiros. 1998.

COLL, César; MONEREO, Carles. Educação e aprendizagem no Século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: COLL, César; MONEREO, Carles (Org.). **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 15-46.

CUBAN, L. **Teachers and machines: the classroom use of technology since 1920**. New York: Teachers College Press, 1986.

CYSNEIROS, Paulo G. Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora? **Informática Educativa**, v. 12, n. 1, 1999.

CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. Ajudando seu aluno a estudar. **Revista de Educação**, Brasília, ano 33, n. 93, p. 3-4, maio 1994.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9. ed. Campinas-SP: Papirus, 2003. (Série Prática Pedagógica).

HARGREAVES, Andy. **Os professores em tempo de mudança: o trabalho e a cultura dos professores na Idade Pós-Moderna**. Porto: McGraw-Hill, 1998.

LANGOUËT, Gabriel; LEGER, Alain. **Public ou privée? trajectoires et réussites scolaires**. Paris: UFR de Sciences de L'Éducation, 2000.

MENDES, G. V. Informação X Conhecimento. **Jornal da PUC-Campinas**, ano 4, n. 62, 17 a 30 de março 2008. Informativo quinzenal da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

NEVES, Barbara Coelho. **Fundamentos e agenda da inclusão digital na educação brasileira: aspectos teóricos, metodológicos e conceituais**. 2015. 192 f. Tese (Doutora do em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18469/1/TESE%20DE%20BARBARA%20COELHO%20NEVES_TIC%20E%20EDUCA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

PONTE, J. P. Os professores e as novas tecnologias: desafios profissionais e experiências de formação. **Informática e Educação** 4, p. 56-61, 1993.

PORCHER, Louis. Médias, internet, apprentissages, enseignements. In: **Les jeunes et les médias em France**. Paris: Hachete, p. 201-220, 2000.

SILVA, B. As tecnologias de informação e comunicação nas reformas educativas em Portugal. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 14, n. 2, p. 111-153, 2001.

TEODORO, V.; FREITAS, J. **Educação e computadores**. Lisboa: GEP – Ministério da Educação, 1991.